

Este é um rascunho de trabalho; tanto o original quanto a tradução não devem ser citados sem permissão por escrito da autora. 20240820

Engajando-se na Filosofia Intercultural: Reflexões Metodológicas Baseadas nos Professores Raimon Panikkar e Ninian Smart, e no meu Estudo da Filosofia Nishida

Michiko YUSA, Professora Emérita, Western Washington University

**Para a III Conferência Internacional, Associação Latino-Americana de Filosofia
Intercultural, Associação Latino-americana de Filosofia Intercultural (ALAFI)**

26 a 30 de agosto de 2024, São Paulo, Brasil

Introdução:

O fato de eu estar aqui hoje, tendo a honra de fazer esta palestra de abertura para vocês, me dá a chance de relembrar os professores que tiveram influências formativas sobre mim. Aqui, vou focar especialmente nos meus dias de estudante de pós-graduação na University of California, Santa Barbara (UCSB) na década de 1970 até o início dos anos 80, e compartilhar com vocês algumas observações importantes que obtive deles.

Eu frequentei a UCSB pela primeira vez no Programa de Intercâmbio no Exterior do Ano Júnior entre minha universidade em Tóquio, a International Christian University (ICU) e o sistema da University of California. De volta ao Japão, eu estava começando a me interessar pelo **estudo de religiões** na ICU, e meu professor de pensamento indiano, **Minoru Kasai**, por acaso era um grande amigo do Professor **Raimon (Raimundo) Panikkar**, que ele conheceu em Varanasi (ou Benares). O professor Kasai sugeriu que eu considerasse a UC Santa Bárbara, já que Panikkar estava se mudando de Harvard para a UC Santa Bárbara para assumir o cargo de professor, a partir do trimestre de inverno de 1973. Kasai achou que eu deveria conhecer esse professor-pensador único e especial.

Ainda me lembro até hoje do primeiro dia em que vi Raimundo Panikkar. Era uma tarde tempestuosa de janeiro, quando chovia torrencialmente lá fora e ventava muito. Sua aula de graduação naquele trimestre era "Os Upanishads". Ele entrou na sala de aula, sem ser perturbado pelo clima, contido e bem-vestido.

Em pouco tempo, ele despertou meu desejo de aprender e acabei escolhendo o caminho acadêmico. Resumindo a história, Panikkar se tornou meu orientador de pós-graduação, e eu acabei concluindo minha dissertação de doutorado sobre Nishida e Jacques Maritain sob sua orientação, dez anos depois daquele dia tempestuoso.

Vários anos se passaram antes que o Professor Ninian Smart se juntasse ao corpo docente do Departamento de Estudos Religiosos da UCSB. Ele conseguiu organizar a nomeação "dividida" entre a Universidade de Lancaster, Reino Unido e a UCSB. Fui designado para ser sua

"reader" [revisora acadêmica/co-orientadora] no primeiro trimestre de sua chegada ao campus. Lembro-me de que durante esse tempo Ninian fez 50 anos (em maio de 1977). Em 6 de maio, dei uma festa de aniversário para Ninian em seu apartamento alugado de estudante em Isla Vista e convidei o departamento para sua casa. Em uma proporção invertida à humilde nudez de seu apartamento, a alegria da ocasião abundou além do limite.

Aqueles foram os dias em que nos deleitávamos com as bênçãos da beleza natural (Califórnia, Santa Bárbara, flores silvestres, o sol, a praia, o oceano, a areia, a névoa, os abacates, as alcachofras, os Pinot Noirs...) e a calorosa companhia. A chegada de Ninian rompeu as barreiras de formalidade que existiam entre professores e alunos, e nos reuníamos livremente para celebrar todas as ocasiões que merecessem encontros.

Como eu sabia que sorte incomum e especial era estudar de perto com esses professores? Só para mostrar como esses dois professores eram considerados em sua profissão, deixe-me mencionar que Ninian Smart ministrou suas aulas em Gifford durante o ano acadêmico de 1979-1980, e Panikkar em 1988-1989 — na Universidade de Edimburgo. Na verdade, ajudei a compilar a bibliografia para Ninian quando chegou a hora da publicação de suas aulas de Gifford, "Beyond Ideology: Religion and the Future of Western Civilization" (Para Além da Ideologia, Religião e o Futuro da Civilização Ocidental, 1981). Raimon me convidou para assistir às suas aulas Gifford (25 de abril a 12 de maio de 1989), mas, infelizmente! Naquela época, eu já havia passado para minhas funções de professora universitária e não conseguia escapar. As palestras de Raimon eram sobre "The Trinity and Theism: The Dwelling of the Divine in the Contemporary World," (A Trindade e o Teísmo: A Morada do Divino no Mundo Contemporâneo), cuja versão expandida foi publicada quinze anos depois como seu último livro, *The Rhythm of Being* (2010), apenas dois meses antes de sua morte (26/8 — hoje é seu aniversário de morte).

II. Raimon Panikkar (1918-2010)

O pai de Panikkar era um indiano hindu da casta brâmane (de Kerala); a mãe, uma católica espanhola e pianista profissional. Os dois se conheceram, se apaixonaram, se casaram e Raimundo nasceu em 2 de novembro de 1918 em Barcelona, como o mais velho dos quatro filhos. Ele costumava "lamentar" que falava muitas línguas (por exemplo, inglês, italiano, alemão, francês e catalão), mas com um "sotaque" (espanhol). Na verdade, ele cresceu sabendo inglês como seu pai falava inglês. Ele obteve três doutorados — em Filosofia, 1946; em Química, 1958; e em Teologia, 1961. Tornou-se padre na Igreja Católica Romana em 1946 (29/9) e celebrou o 50º aniversário de sua ordenação sacerdotal em 1996 (29/9) no Mosteiro de Montserrat, nos arredores de Barcelona, para o qual também recebi um convite, mas não pude comparecer.

De 1940 a 1966, Panikkar foi membro do Opus Dei — ele se juntou à Ordem em 1940, na esteira da Guerra Civil Espanhola, e ele finalmente a deixou em 1966, por volta de 25/6. O espírito livre de Panikkar não pareceu cair muito bem com a liderança do Opus Dei.

A partir desses breves fatos biográficos, você pode concluir que ele era um homem altamente complexo. Intelectualmente sim, mas espiritualmente, ele se esforçou para adquirir clareza, simplicidade e franqueza. Nessa combinação única de forças "contraditórias", encontramos Raimon Panikkar.

Entre muitas ideias e atitudes que aprendi com Panikkar, vou destilar alguns pontos.

- ✧ A unidade intrínseca da ontologia e epistemologia: Você se torna o que você conhece. Ele costumava dizer (meio brincando): "Tenha cuidado com o que você escolhe para o tópico da sua dissertação, porque você se tornará o que você conhece!"
- ✧ A parte não dita da dinâmica interna era que "você acabará amando o que estuda e, portanto, se tornará o que ama e o que conhece". Em outras palavras, você não pode estudar algo que realmente não ama. Esta é a unidade intrínseca da mente e do coração.
- ✧ O termo "estudo comparativo" pode ser um equívoco, pois não se pode comparar uma "maçã" e uma "laranja" na filosofia intercultural. Já somos parte do método "comparativo". Somos capazes de saber algo novo, **apenas com base no que já sabemos**. Em outras palavras, todo conhecimento é inerentemente "comparativo" (ou seja, é construído sobre o que já sabemos).
- ✧ No "estudo comparativo", é possível ter uma terceira posição "neutra" (de um observador desinteressado)? Panikkar diria: "Não". A objetividade pura na observação não é possível, pois o experimento de Heisenberg revelou que a "observação" em si já é um fator que altera o "observado". O observador e o observado são inseparavelmente inter-relacionados. Assim, não é possível "comparar" e fazer qualquer julgamento, de um ponto de vista de "terceiro objetivo neutro".
- ✧ Há uma abordagem, no entanto, que nos levará ao meio dos "estudos comparativos" e aos "estudos filosóficos interculturais". É se envolver em "conversas profundas" com o outro e "ouvir" o "outro". Ao ouvir o que o outro está tentando dizer, podemos silenciar o ruído desnecessário dentro de nós e começar a ouvir algo significativo e que vale a pena ouvir. O efeito desse diálogo é "intra" e não simplesmente "inter", pois envolve uma profunda autotransformação que se instala profundamente dentro da pessoa. Essa transformação ocorre dentro do meu "coração e mente" (que Nishida chamaria de "topos" ou "basho").
- ✧ No final, conhecer o outro só enriquecerá o conhecimento de quem "eu" sou. Isso levou Panikkar a insistir que devemos estudar não apenas uma tradição, mas pelo menos duas, o que pode efetuar um movimento circular "mutuamente enriquecedor". (Por exemplo, Max Müller: Somente entendendo a outra religião, entendemos nossa própria religião — foi sua razão para estabelecer a disciplina de "estudo comparativo da religião".)
- ✧ Esta é a "abordagem hermenêutica dialógica diatópica" de Panikkar, que acredito oferecer algumas boas dicas sobre como podemos nos envolver em estudos filosóficos interculturais.
- ✧ Foi Panikkar quem me apresentou a filosofia de Nishida, pois ele conhecia pessoalmente Nishitani Keiji, Hisamatsu Shin'ichi e Takeuchi Yoshinori em Kyoto, e todos falavam sobre seu professor, Nishida, com tanto respeito. Panikkar direcionou habilmente meu interesse para o pensamento de Nishida, o que certamente mudou minha vida e pelo qual continuo grata.

III. Ninian Smart (1927-2001)

Os pais de Ninian Smart eram ambos escoceses. O pai era um distinto professor de Astronomia na Universidade de Cambridge. A mãe (nascida Carswell) era uma senhora bastante elegante, que sempre "usava salto alto, mesmo em casa", de acordo com Ninian. Ela tinha uma mente literária, conversadora, espirituosa e artística. Eles tiveram três filhos, o mais velho se

tornou professor de filosofia em universidades na Austrália (J. J. C. Smart, 1920-2012), o segundo filho foi professor de história da arte na Universidade de Nottingham (Alastair, 1922-1992), e Ninian foi o mais novo, que estabeleceu sozinho o campo de estudo secular da religião, independente da teologia, na Universidade de Lancaster em 1967. "Ninian" é o nome de um santo escocês.

Ele me disse em particular que era sua aspiração se tornar "piedoso" no verdadeiro sentido da palavra. Escondido do mundo de sua abordagem analítica aos fenômenos religiosos, seu coração sempre esteve na dimensão da "fé", da "piedade", que o ancorou e nutriu seu trabalho.

Colocando dessa forma, é um pouco intimidador, então eu dou um ou dois exemplos concretos. Ninian sempre se lembrava dos aniversários de sua família e amigos. Festas de aniversário são para ele "rituais" essenciais, que são cheios de "alegria" ("elementos emocionais"), e tais festas eram cheias de histórias, anedotas e piadas hilárias. Um elemento filosófico pode não ter estado na vanguarda de tais festas, mas uma profunda convicção filosófica da "afirmação da vida" é o pano de fundo. (Ninian e Libushka, sua esposa, perderam seu filho mais novo — 5 ou 6 anos — para uma doença, e essa triste experiência nunca os deixou.) Ninian estava especialmente atento ao significado de seu aniversário de casamento, pois o casamento tinha para ele as implicações éticas e legais fundamentais, como uma realidade social e institucional (por exemplo, família). Todas essas celebrações eram ocasiões para ele compor um ou dois novos poemas, que eram escritos em um lindo cartão de aniversário— a dimensão material.

Ninian Smart é hoje mais lembrado por suas "sete dimensões da religião" (1. Prática-ritual; 2. Experiencial-emocional; 3. Narrativa-mítica; 4. Doutrinária-filosófica; 5. Ética-legal; 6. Social-institucional; 7. Material-artística).

Não acho que Ninian teria se oposto, se eu fosse tão ousadamente a ponto de dizer que esses sete aspectos não eram nem definidores nem definitivos, mas sim uma aproximação da "religião" academicamente estudada como um "fenômeno". Ninian raramente ficava preso à sua própria teoria, e permanecia flexível e inquisitivo em sua investigação intelectual. As teorias estão lá para ajudar e facilitar nossa compreensão conceitual (a vida é uma jangada para chegar a um lugar), mas Ninian parece ter sabido lá no fundo que as teorias não alcançam a "lua", assim como "o dedo apontando para a lua" nunca a alcançaria.

O que aprendi com Ninian são "dicas práticas" simples, mas importantes, muitas das quais ainda pratico até hoje.

- ✧ Encurte os parágrafos longos; se o texto original tiver parágrafos longos e grandes, é permitido dividi-los em parágrafos menores. Use subtítulos, conforme achar adequado. (Esta foi a primeira sugestão de Ninian, quando traduzi os escritos de Nishida para ele. Ele ficou extremamente irritado com o estilo longo e divagante de Nishida!)
- ✧ Evite neologismos e o uso de palavras grandes. Use "problema" em vez de problemático, por exemplo. (Este ponto está sempre no fundo da minha mente. Ainda posso escolher algumas palavras que Ninian pode não aprovar, mas me tornei sensível a esta questão. Quero respeitar e celebrar a integridade da língua inglesa e evitar "práticas obscuras" que muitas vezes atrapalham o leitor de entender o que o autor quer dizer. Discursos filosóficos "extravagantes" e altamente jargões se tornarão "antiquados" com o tempo.)

- ✧ Como professor, seja objetivo, factual e equilibrado em seu julgamento, especialmente ao corrigir exames e trabalhos dos alunos. Não deixe que suas próprias suposições influenciem sua avaliação.
- ✧ Seja feliz. Mesmo que você não possa fazer nada para ajudar na situação de outras pessoas, sua felicidade é contagiante. (Ninian costumava dizer: "Pais felizes fazem filhos felizes.")
- ✧ Publique seus escritos sem demorar muito. Se você encontrar um erro em seu trabalho antigo, pode escrever outro livro para explicar esse erro (!). (Tenho achado difícil seguir essa sugestão; o perfeccionismo é um hábito ruim, talvez.)

IV. Refreio: "autoidentidade contraditória"

Minhas amigas mais antigas em Santa Bárbara ficavam intrigadas com o fato de eu me dar tão bem com Raimundo Panikkar e Ninian Smart—aparentemente dois tipos de professores muito diferentes. Certa vez, em um almoço de senhoras no Biltmore, me fizeram exatamente essa pergunta. Como é possível? Isso é sustentável? Para minhas amigas, Panikkar e Smart pareciam ocupar extremos opostos do espectro. De alguma forma, elas tinham a impressão de que Panikkar era mais como um "sábio" ou um "contemplativo", enquanto Smart era um "filósofo analítico britânico implacável". A realidade era bem diferente disso. Seja como for, em vez de explicar minha visão dos dois professores a elas, dei a seguinte resposta, que pareceu satisfazê-las. Eu disse: "Enquanto o Professor Panikkar me incentiva a valorizar minha intuição, o Professor Smart me desafia a manter minha atitude crítica e equilibrada."

Para mim, Raimundo e Ninian tinham muito em comum. Ambos eram "homens do mundo", que conheciam e viajavam pelo mundo inteiro. Eles viveram uma "guerra" e estavam familiarizados com diversas civilizações e tradições religiosas. Ambos eram "espirituais" (ou "piedosos") à sua maneira (como a espiritualidade pode ser diversa — imanência espiritual e transcendência se inter-relacionam de várias maneiras em diferentes culturas e diferentes indivíduos). Ambos eram intelectuais e altamente "analíticos" à sua maneira. Ambos eram "metafísicos" também. Ambos gostavam de seus amigos e cultivavam uma ampla rede social — embora suas diferentes personalidades atraíssem diferentes tipos de amigos, mas também tinham amigos em comum, como eu. Então, eles eram semelhantes em termos de decência humana universal, mas diferentes em suas personalidades coloridas. Fui muito feliz e bastante dedicada a Raimundo e Ninian, ambos os quais tinham uma querida presença indispensável em meu mundo ou "topos".

V. Rumo ao desenvolvimento de uma metodologia filosófica intercultural

5.1. "Kyakka Shōko," e a visão de mundo de Nishida

Agora, volto-me para meu subtema, com o qual espero focar no desenvolvimento de uma metodologia filosófica intercultural. Por metodologia, quero dizer simplesmente "como podemos fazer as coisas", o que é etimologicamente mais próximo do significado de "meta hodos" μετα ὁδός ("a estrada pela qual" [chegamos ao nosso destino]).

Aqui, gostaria de apresentar uma expressão Chan/Zen bem conhecida, "kyakka shōko" 脚下照顧, que significa literalmente "ilumine onde você está", e sua expressão original, "kan jiao xia" 看脚下 ("kan kyakka" em japonês), que significa "Cuidado com seus passos".¹

"Kyakka shōko" no japonês cotidiano passou a significar hoje simplesmente "tirar os sapatos antes de entrar nos cômodos de uma casa". Mas encontro nessa expressão uma dica metodológica sobre como podemos prosseguir em nossa pesquisa filosófica intercultural.

Seguindo a linha de Max Müller e Raimon Panikkar, essa expressão pode ser entendida como: **"conhece-te a ti mesmo para que possas conhecer o outro e, por sua vez, o outro aprofundará teu autoconhecimento"**, ou Panikkar diria que o "outro" (como "tu") é a fonte de conhecimento que aprofunda tua autocompreensão.

Além disso, a trama se complica, pois **Nishida Kitarō** oferece ainda outra camada de interpretação desta expressão, quando ele aponta: "Aqueles que têm o hábito de pensar sobre as coisas de uma maneira teórica objetiva não conseguem ver onde estão"² e, consequentemente, consideram o que não entra em sua visão como "incognoscível" (por exemplo, Spencer) ou "um mistério". (NKZ 8.426)

O que está implícito nesta observação de Nishida é que tomar consciência de "onde estou" já rompe as barreiras teóricas mentais desnecessárias, e posso compreender (e "apreender") verdadeiramente o que estou estudando - não como um "objeto" desapegado, mas como um "tu" com quem estou ontologicamente conectado.

O pressuposto aqui é que já estamos situados dentro do mundo, sobre o qual podemos filosofar. Já é neste mundo que nascemos, trabalhamos e morremos. Somos "seres-no-mundo", (beings-within-the-world) fato que nos permite comunicar e entender-nos mutuamente. Essa "situacionalidade" (situatedness) diz que cada um de nós é o "topoi" de um mundo maior ("o topos").

Cada indivíduo ("topos") é único e diferente, enquanto cada um de nós é intersubjetivo em nossa consciência e já está "situado no mundo". Não podemos pensar separados ou fora da realidade viva — a "vida" que nos sustenta.

5.2. Aborde duas tradições, pelo menos. Uma delas deve ser sua própria cultura.

A formação intercultural pessoal de Panikkar consolidou-se na orientação acadêmica dele. Ele insistiu que, para a dissertação, os alunos deveriam trabalhar em "duas tradições" - uma que lhes é familiar e a outra algo diferente de sua própria herança. No meu caso, Panikkar

¹ "Um dia, o Mestre Fayan (J. Hōen) 法演, acompanhado por seus três discípulos, Fojian (J. Bukkan) 仏鑑, Foyan (J. Butsugen) 仏眼 e Foguo (J. Bukka) 仏果, estava praticando meditação na montanha próxima.

O sol estava se pondo e era hora de retornar ao templo. Conforme desciam a encosta da montanha, rapidamente escureceu e eles mal conseguiam ver a trilha. A lua não estava brilhando naquela noite e a área estava envolta em escuridão.

O mestre disse a seus três discípulos: "O que vocês acham desta situação atual em que estamos? Coloquem em palavras."

Fojian, um poeta de coração, disse: "É como um par de grandes fênix voando acima de nós, adornando o céu."

Em seguida, Foyan disse: "Está tão escuro que podemos encontrar uma cobra deitada na trilha; Estou com medo."

Finalmente, Foguo disse: "Cuidado com seus passos" (kan jiao xia 看脚下), [significando, "vamos dar passos cuidadosos e voltar com segurança para o templo"].

Este episódio é compilado no Wudeng huiyuan『五燈會元』(1252), (Os Cinco Registros das Escolas Chan Compilados em Um Durante o Período Song) em 20 pergaminhos. Este episódio é encontrado no pergaminho 19.

² 「対象論理的にのみ考える人には、自己が立っている足許が見えないのである。しかして自己の視野に入り来らざるものは神秘と考えるのである。」「実践と対象認識」(1937, NKZ 8.395-499)

insistiu que eu não deveria abandonar minha herança japonesa. Ele também insistiu que, para alargar e ampliar o horizonte do nosso conhecimento, era necessário desenvolver a sensibilidade e a consciência cros-cultural ou intercultural. Assim, todos os seus alunos de doutorado eram obrigados a adotar pelo menos duas tradições em sua dissertação.

Aqui, estou pensando que, como estou endereçando esta apresentação a vocês e aprecio e estimo suas culturas e tradições latino-americanas, eu mencionaria especialmente a possível implicação da "fluência bicultural" — se posso colocar desta forma — como algo que pode ser interessante para vocês à medida que desenvolvem sua metodologia de estudos filosóficos interculturais na América Latina.

No meu caso, minha mente já estava definida em Nishida, desde que o descobri em 1975 sob (a gentil e habilidosa orientação de) Panikkar, que me pediu para fazer uma breve apresentação da filosofia de Nishida no seminário de pós-graduação. Quanto à contraparte de Nishida, escolhi Jacques Maritain, porque senti que lia francês um pouco melhor do que alemão. Hoje, pensando bem, teria sido mais benéfico para mim se tivesse escolhido Henri Bergson. Mas as coisas só ficam mais claras em retrospectiva! Quando terminei minha dissertação, alguns colegas comentaram sobre minha escolha de Maritain como "Infeliz, pois ele está fora de moda". Nunca se desespere. Maritain e sua esposa Raïsa recentemente me levaram de volta a Bergson.

A insistência de Panikkar para que eu trabalhasse com um pensador japonês era totalmente justificada. Ele temia que houvesse muitos asiáticos (lembre-se, Panikkar era meio indiano), que se tornaram culturalmente "desenraizados" e em seu esforço para imitar a "moda intelectual ocidental". Minha descoberta de estar "enraizado" na tradição japonesa, juntamente com meu conhecimento do Conto do Príncipe Brilhante (Genji monogatari) — que uma mulher poderia escrever um romance tão complexo por volta do ano 1.000 — tornou-se a fonte silenciosa de confiança. Ganhei meu respeito pela tradição japonesa na América do Norte. Meu conhecimento geral da história japonesa me levou a conseguir minha posição universitária na Western Washington University (WWU). Comecei ensinando história japonesa, sociedade, bem como literatura e filosofia chinesas antigas; ao que logo foi adicionada a responsabilidade de ensinar língua e literatura japonesas. O japonês estava começando a se tornar popular entre os alunos e, assim, minhas pequenas ofertas de língua japonesa se transformaram em um programa. Mais algumas novas posições de docentes foram adicionadas ao japonês e, em 2006, o programa foi atualizado de um "idioma menor" para o status de "idioma principal". Conforme o programa de idiomas cresceu e amadureceu, pude apresentar os escritos de Bashō e Nishida aos meus alunos do terceiro e quarto ano, e completar o ciclo.

5. 3. Interesse interdisciplinar:

Quase imediatamente após começar meu ensino universitário, desenvolvi meu interesse pela tradição estética japonesa, inicialmente motivado pela minha experiência de ver a demonstração de noh dada pelo mestre ator Umewaka Rokurō na University of British Columbia (UBC). Todo o novo mundo da literatura noh se abriu para mim, e o tratado de noh de Zeami especialmente capturou meu interesse como algo que "adicionou cor" à filosofia "monocromática" de Nishida.

Conversei com o professor Nishitani Keiji sobre esse meu interesse, quando o vi em Kyoto em 1984 ou por aí. Fiquei apreensiva que Nishitani pudesse se opor a isso, considerando que eu estaria perdendo meu tempo. Para meu alívio, ele endossou totalmente meu interesse interdisciplinar. Ele gentilmente disse algo como "é bom estudar outras coisas fora da filosofia de

Nishida, porque um interesse mais amplo o levará a entender melhor Nishida". A afirmação de Nishitani acabou sendo certa, pois a filosofia de Nishida abrange arte, ciências naturais (especialmente física e ciência ambiental), ciência jurídica e matemática. Meu interesse pela arte acabou sendo muito útil para que eu entendesse Nishida, o homem, e seu pensamento.

5. 4. 1. Idiomas (obrigatórios ou não):

Na UCSB, os alunos de pós-graduação eram obrigados a ter proficiência em leitura em dois idiomas — francês e alemão. Não me ocorreu que eu poderia solicitar que meu japonês contasse como um dos dois idiomas obrigatórios. Então, estudei alemão e francês, junto com meus colegas americanos.

Além do alemão e do francês, a UCSB oferecia excelentes programas de idiomas em muitas outras línguas. Além disso, o Departamento de Estudos Religiosos estava fisicamente localizado bem ao lado do Departamento de Estudos Clássicos. Naturalmente, vim conhecer alguns dos professores de estudos clássicos e acabei fazendo latim e grego como uma espécie de "educação em humanidades gerais". (Infelizmente, nunca desenvolvi uma proficiência real em nenhum desses idiomas, mas pelo menos posso gostar de ler os textos originais da série bilingue de Loeb.)

Além disso, meu interesse pelo pensamento indiano me levou a estudar introdução ao sânscrito com o Prof. Gerry Larson, e também fiz Chinês Clássico com o Prof. Weiming Tu, que estava visitando a UCSB vindo da UC Berkeley durante o verão.

Após minha estada de seis meses na Europa (em 1975), continuei com meu alemão e francês, e também estudei italiano (pois percebi, durante minha viagem, que naqueles dias, poucos italianos falavam inglês).

Estudar várias línguas de modo algum me transformou em poliglota, mas me manteve ocupada o suficiente para me salvar de encrencas durante meus dias como estudante de pós-graduação. Na verdade, o sânscrito salvou minha vida. Naquela época, as drogas circulavam livremente em Isla Vista (onde os estudantes moravam), e convites dos meus colegas para "ficar chapada" me foram feitos algumas vezes. Foi apenas por precisar de mais tempo para estudar sânscrito que recusei qualquer oportunidade de experimentar drogas. O sânscrito salvou minha vida de mais de uma maneira, no entanto. Nos primeiros dias em que cursei disciplinas de pós-graduação em inglês, eu não tinha certeza da minha aptidão para realizar um trabalho acadêmico, pois estava diariamente desenvolvendo minhas habilidades no inglês. Quando me deparei com a gramática do sânscrito, Gerry Larson nos disse que deveríamos aprender a gramática de forma "indutiva". Assim, comecei a criar tabelas de substantivos e verbos (tabelas de declinações e conjugação). Através desse trabalho, descobri que minha consciência linguística era, na verdade, "universal", no sentido de que não importava que minha língua materna fosse o japonês. Comecei a acreditar na **universalidade do "logos"**. Logos é transcultural. Essa descoberta veio como uma luz guia e se tornou uma salvação para mim, pois me tirou do abismo da dúvida sobre mim mesma.

Acredito que há um profundo mistério em como nós, seres humanos, adquirimos qualquer linguagem. Não há fim para o aprendizado de línguas, incluindo a própria língua materna. Linguagem, percepção, sentimentos e pensamento estão profundamente interconectados. Plotino disse: "Pensar (noein), viver (zēn) e ser (einaí, 'quem eu sou') estão todos juntos no que é real (on)" (τὸ νοεῖν, τὸ ζῆν, τὸ εἶναι ἐν τῷ ὄντι). (Enéada V.6.6:21-22)

5. 4. 2. Idioma (ensinando):

Aqui, eu gostaria de dizer algumas palavras sobre o ensino de línguas, porque nos primeiros dias da minha carreira, algumas pessoas tentaram me menosprezar, rotulando-me como uma "professora de línguas", significando que eu não era um filósofo. Devo admitir que eu também tinha dúvidas sobre ensinar minha própria língua nativa para ganhar o pão. Mas logo, eu estava profundamente cativada pelo profundo mistério da linguagem.

Listei aleatoriamente alguns aspectos do ensino de línguas que me fascinaram. Primeiro, os caracteres chineses (conhecidos como "kanji" ou "ideogramas") têm histórias para contar. Depois que apliquei a abordagem etimológica heideggeriana ao "kanji", eles fizeram sentido. Acabei escrevendo meu primeiro livro, *Basic Kanji* (1989), no qual apresentei 423 kanjis básicos junto com sua etimologia. Este livro está esgotado, mas ainda é possível encontrar um exemplar usado na internet, pelo menos pelo que sei.

Segundo, ele aprimorou minha compreensão das sutilezas finas da língua japonesa, que tentei explicar em inglês. Esse treinamento foi útil quando traduzi Nishida para o inglês. Dou um exemplo aqui abaixo para ilustrar meu ponto. (Imagino que alguns de vocês entendam japonês o suficiente para apreciar meu ponto, embora eu tente explicar o ponto para que todos possam entender o que está envolvido aqui).

ゲーテにおいては内もなく外もなく、
有するものは有るがままにあるのである、
何物もなき所から来り
何物もなき所に去り行くのである、
しかもかく無より無に入るところに
微妙なる人間の響があるのである。

In Goethe, there is no inside or outside—
all that there are exist *as they are*.
Everything comes into being from **where**
there is nothing,
and vanishes into **where** there is nothing.
Moreover, **in** this very coming into being
from nothing and returning into nothing,
we find the subtle "resounding" (*hibiki*) of
humanity.

(Text: Nishida, "Goethe's Background," 1931, NKZ 12.148)

Como é que os dois primeiros "tokoro" são escritos em "kanji" e o último "tokoro" é escrito em "hiragana"? Eu costumava lidar com esse tipo de questão, levantada pelos meus alunos. <Sobre esse ponto, explicarei melhor durante minha apresentação.>

Como você traduziria essa passagem?

Deixe-me voltar ao ponto que eu estava levantando. **Mori Arimasa**, um pensador japonês que se mudou de Tóquio para viver a segunda metade de sua vida em Paris, para perseguir sua investigação existencial. Para ganhar a vida, ele ensinou japonês na Sorbonne e na Escola de Línguas Orientais. Por meio de seu ensino de línguas, ele descobriu Dōgen, por exemplo, cujo pensamento inesperadamente lançou luz sobre a filosofia de Nishida para Mori. Dessa forma, Mori percebeu que sua experiência de ensino de línguas o tornou um pensador único, pois o enriqueceu em seu pensamento filosófico.

(Sobre o fascinante "experimento" intercultural que Mori conduziu com sua vida, escrevi um ensaio para complementar a tradução de Thomas Rimer de *By the Waters of Babylon*, de Mori; o livro será lançado em breve, Cornell University Press, 2024.)

Então, a questão é, se você começar a lecionar línguas como parte de sua carreira, não menospreze. Provavelmente é um exercício muito bom para nutrir sua consciência filosófica e desenvolver suas habilidades mentais, organizacionais e analíticas.

VI. Conclusão:

Gostaria de encerrar minha palestra levantando as duas seguintes questões (um tanto relacionadas) para você:

- (1) Os textos bilíngues (em oposição ao "texto monolíngue") são úteis para levar adiante sua filosofia intercultural? (Por exemplo, um texto na língua original, acompanhado por uma das línguas mais amplamente utilizadas?) Veja meu exemplo sobre "O Histórico de Goethe", acima.
- (2) Você conhece o livro recente, *Key Concepts in World Philosophies*, editado por Sarah Flavel e Chiara Robbiano (2023)? Eu contribuí com um capítulo sobre "Relação Eu-Tu", no qual falei especialmente sobre as filosofias "Eu-Tu" de Nishida e Nishitani (pp. 237-246).

Uma última palavra: jogue com seus pontos fortes

Gostaria de acrescentar mais uma observação que moldou meu método acadêmico intercultural. É o elemento de "**pesquisa de campo**". Comecei a praticar visitando lugares e pessoas relacionadas a Nishida Kitarō, quando comecei a trabalhar na biografia de Nishida (*Zen and Philosophy: The Intellectual Biography of Nishida Kitarō*, 2002). Descobri que visitar lugares onde Nishida viveu ou esteve foi extremamente útil para me aproximar dele.

Primeiro, pude ver o ambiente físico em que Nishida estava realizando seu pensamento e atividades.

Segundo, pude me conectar com acadêmicos locais, que conheciam Nishida pessoalmente ou eram especializados no pensamento de Nishida, e achei a conversa com essas pessoas enormemente interessante. Também visitei bibliotecas universitárias, onde documentos importantes, muitas vezes inexplorados, eram mantidos.

Terceiro, adoro viajar para um lugar novo, onde posso encontrar costumes interessantes, ou até mesmo uma pronúncia diferente do nome da pessoa. Por exemplo, o primeiro missionário cristão a chegar à costa do Japão foi Francis Xavier. Seu nome é pronunciado de forma surda como "Sabieru", na área de Yamaguchi, onde o cristianismo floresceu, em oposição à pronúncia sonora mais padrão de "Zabieru". Percebi que esse simples fato refletia o orgulho dos moradores locais, que querem manter a memória de seus ancestrais de realmente terem interagido com esse santo de uma terra distante.

"Ashi o hakobu", dizem em japonês — "deixe suas pernas fazerem o trabalho". Nesse processo, desenvolvi um "nariz" de cachorro, pois comecei a "cheirar" onde poderia encontrar novas informações. Uma vez eu disse ao professor Ueda Shizuteru: "Sensei, eu me tornei um cachorro!" Ao que ele respondeu: "Isso é excelente!"

É por isso que lamento não poder visitar São Paulo desta vez para entregar minha palestra pessoalmente. Mas espero ter a chance de visitar sua parte do mundo em algum momento no futuro próximo. Mal posso esperar para provar pão de queijo novamente!

References:

Abbreviation:

NKZ (1978-1980). *Nishida Kitarō Zenshū* 『西田幾多郎全集』 [Collected Works of Nishida Kitarō]. (Tokyo: Iwanami Shoten).

* *

- Flavel, S. and Robbiano, C. ed. (2023). *Key Concepts in World Philosophies*. (London, New York, Oxford, New Delhi, Sydney: Bloomsbury Academic). E-book is available online.
- Nishida Kitarō. (1931). "Gēte no haikai" 「ゲーテの背景」 [Goethe's background]. NKZ 12.138-149.
- Nishida Kitarō. (1937). "Jissen to taishō ninshiki" 「実践と対象認識」 [Praxis and the recognition of the objects]. NKZ 8.395-499.
- Panikkar, Raimon. (2010). *The Rhythm of Being, The Gifford Lectures*. (Maryknoll, NY: Orbis Books).
- Plotinus. *Ennead V*. (1984). Armstrong, A. H., an English trans. (Cambridge, Massachusetts; London: Harvard University Press). (Loeb Classical Library 144).
- Smart, Ninian. (1981). *Beyond Ideology: Religion and the Future of Western Civilization*. (San Francisco, Cambridge, Hagerstown, Philadelphia, New York, London, Mexico City, São Paulo, Sydney: Harper & Row).
- "San-en" 三遠. "Three kinds of distance." There are numerous online sites in Japanese.
- Wudeng huiyuan* 『五燈会元』. (1252). [The Five Records of Chan Schools Compiled into One During the Song Period]. https://tripitaka.cbeta.org/X80n1565_019. Internet accessed August 16, 2024.
- Yusa, Michiko. (1989). *Basic Kanji*. With Matsuo Soga. (Tokyo: Taishūkan).
- Yusa, Michiko. (2002). *Zen and Philosophy: An Intellectual Biography of Nishida Kitarō*. (Honolulu: University of Hawaii Press).
- Yusa, Michiko. (2018). "Intercultural Philosophical Wayfaring: An Autobiographical Account in Conversation with a Friend," *The Journal of World Philosophies* 3.1 (2018), 123-134. [This article is closely related to my today's presentation.]
- Yusa, Michiko. (2023). "I-Thou Relation," in *Key Concepts in World Philosophies*, ed., Flavel & Robbiano, pp. 237-246
- Yusa, Michiko. (forthcoming, 2024). "Mori Arimasa, A Philosopher in the Making," a complementary essay appearing in *By the Waters of Babylon by Mori Arimasa*. Trans. by J. Thomas Rimer. (Ithaca: Cornell University Press).